

Dos calcanhares às vantagens da campanha

Sheila Dunaevits

A pauta de viagens do deputado Paulo Maluf começa a incrementar a partir do início de outubro. Algumas delas serão feitas em companhia do presidente Figueiredo e, à semelhança do que ocorreu esta semana em Cuiabá, poderão se transformar em comícios a favor do candidato do PDS.

Maluf considera a ideia de ter muitos palanques pela frente, salutar. E acrescenta: "Estou coerente desde o princípio. Qualquer que fosse o tipo de eleição, eu falaria à opinião pública. Ao contrário do meu concorrente, nunca me comprometi com uma única bandeira, a não ser atuar dentro das normas constitucionais vigentes".

Segundo o candidato pedessista, o pronunciamento político do presidente Figueiredo puxou alguns votos e consolidou outros, como é o caso de Mato Grosso e Rondônia. No Rio Grande do Sul, o líder da bancada do PDS, Roberto Cardona, reafirmou que os seis delegados votarão em Maluf, e por uma única razão, conforme explicou: "Pela primeira vez, nos últimos anos, o candidato foi indicado pela Convenção do Partido. Ou seja, foi escolhido, e não indicado".

Também em Pernambuco o deputado federal Ricardo Fiúza, que vinha sendo sondado pelo senador da Frente Liberal, Marco Maciel, afirmou que votará em Maluf a 15 de janeiro "e não em meus inimigos, que podem me atrair". Ele explicou ainda que, "entre a imagem de Imprensa do chamado candidato da Frente Liberal, que conta com o apoio de pessoas como Armando Falcão — que cassou gente — prefiro Maluf".

• Efeito melhor

Outro motivo apontado pelo presidente do PDS para a conquista do eleitorado é o efeito positivo que sua imagem vai despertando na opinião pública. Ele considera que para isso tem contribuído seu comparecimento a muitos seminários — "em que a fala de improviso causa impacto" — e as posições que assume diante das questões nacionais.

— Se observarem as últimas pesquisas da opinião, notarão que minha popularidade vem aumentando, ao contrário do outro candidato, diz Maluf.

Em discurso improvisado, de cerca de 40 minutos, para o público da 25ª Convenção Nacional do Comércio Lojista, no Centro de Convenções, Maluf, no meio da semana, arrancou aplausos ao dar três receitas para mudar a face do Brasil: exigir que as multinacionais aqui instaladas só trabalhem sob a forma de capital de risco; que o preço dos equipamentos importados sejam reduzidos — tendo em vista que representam mercado de trabalho também para os estrangeiros residentes no País; e que a parcela da cota brasileira no comércio internacional aumente. Na posição de presidenciável, ele apostou que nem o adversário está sendo tão ousado.

Outras promessas do deputado: pedir a cabeça dos "irresponsáveis" que estão à

frente das estatais e estouram todo o orçamento previsto em gastos não comprovados ou desnecessários, e implantar a filosofia de premiar o esforço e o ganho pelo trabalho, não pela especulação. E há mais: ampla reforma tributária e mudanças significativas na elaboração dos orçamentos fiscal e monetário. E como metas prioritárias, Maluf anunciou que atenderá aos setores de educação ("vejam o caso do Japão"), agricultura e auxílio social (saúde, segurança, etc.).

— No Brasil, o fator cabeça pensante não é considerado, como se as riquezas naturais solucionassem tudo. O próprio ensino profissionalizante foi erradamente desprezado. Por isso, quando necessitamos dos serviços de uma psicóloga ou jornalista, há milhares na fila; mas quando queremos um bom técnico, só aparecem picaretas, argumentou.

Ele também enfatizou a necessidade de futuro governo revigorar a livre iniciativa, prestigiando os investimentos médios com retorno a curto ou médio prazo (cerca de 5 anos, no máximo), e foi com esse discurso que ganhou a simpatia de algumas empresárias. Doze delas lhe enviaram documento, esta semana, em apoio à sua candidatura. Entre elas, a presidente da Cruz Vermelha, Odenisa Lobo.

Só saliva

O custo de tudo isso, de acordo com o deputado Paulo Maluf, é só a saliva que ele gasta para falar a públicos variados e conceder entrevistas à Imprensa — o que não lhe custa nada, "só traz gratificação pessoal". Também sua campanha não custará nada, conforme assegurou, "pois semana que vem, no auditório Petrônio Portella, os pedessistas se engajarão espontaneamente nas comissões que vão trabalhar por minha candidatura".

Diante de quadro tão otimista, os calcanhares de Aquiles do candidato do PDS continuam no Nordeste, onde uma grande liderança, o governador alagoano Divaldo Suruagy, se inclina, mais e mais, para Tancredo Neves. Outra liderança que já pulou a cerca é o governador José Agripino Maia, do Rio Grande do Norte, enquanto Hugo Napoleão (Piauí), para ganhar tempo, sentencia: "Vou continuar em cima do muro. Daqui, vejo melhor".

Mas o próprio governador piauiense, segundo consta, é grande amigo e admirador de Tancredo Neves e muito conhecido por sua conduta mineira. E João Durval, da Bahia, seja pela direção que tomou o ex-governador Antônio Carlos ou as próprias convicções, também tem um olho grudado na Frente Liberal.

Quem melhor definiu a situação do Nordeste, até agora, foi um próprio nordestino: Divaldo Suruagy. Ele acha que cada região tem suas conveniências (da base às lideranças) e influências, opinião com a qual um assessor de Maluf também concorda, com um adendo. O de que há casos muito particulares, como o da Bahia, em que a decisão política passa, exclusivamente, por uma questão pessoal. "Magalhães e Maluf são dois homens fortes, duas lideranças, dois biçudos. E por isso, não se beijam".